3656 25

Professores, Alunos, Associações

Por ocasião dos 75 anos

da A.E.I.S.T.

Julgo que Einstein nunca proferiu o lugar comum "tudo é relativo. Pelo menos no que respeita à Teoria da Relatividade.

Pelo contrário. O Princípio da Relatividade liberta-nos de subjectivismo. Para qualquer observador as leis da Física são as mesmas onde quer que esteja e como esteja. Até é possível escrevê-las sob a mesma forma.

Assim, e sem que haja contradição, a Relatividade é coisa bem diferente do relativismo de um Protágoras e, mais nos nossos dias, de um mesmo relativismo de Kant.

As Leis da Física, são da Física, mas tenho para mim que a verdade sendo verdade vai além do aspecto particular que reveste. Havendo humanização colhe-se luz das mais diversas fontes.

Vem isto a propósito de quem pode apurar a verdade.

Relaciona-se isto com o facto de quem e de que palavras nos podemos socorrer para testemunho.

Fiéis ao Princípio da Relatividade qualquer um o pode fazer.

No entanto, para que seja credível é necessário que ligue as palavras a juizos de realidade e de dignidade. É necessário que haja empenhamento, compromisso na afirmação de acções e resultados.

Pela naturalidade e justeza que lhes são inerentes o enunciado das verdades primeiras corre sempre o risco de não se afirmar como conselho, de tal modo se confunde a aceitação dessas verdades com a prática que desse facto, e em coerência, deveria decorrer. É um dizer, um saber incontroverso de quase nenhum efeito.

Isso, portanto, e infelizmente, não basta.

Com esses enunciados universais se diz sim e se diz não e quase sempre o indesejável "tudo é relativo".

É necessário que as palavras do testemunho se enriqueçam com a legitimidade da experiência ou do recurso impecável aos primeiros princípios.

Gozam destas propriedades as Notas Histórico-Pedagógicas sobre o Instituto Superior Técnico de Alfredo Bensaúde.

"Nas notas que se seguem, exponho as ideias directrizes que nos guiaram, descrevo o que se pretendeu realizar e até que ponto foi possível fazê-lo, comento os processos empregados no Instituto, em contraposição com os tradicionais nas nossas escolas, que pusemos de parte, e historio também algumas das dificuldades que foi preciso vencer para que a escola vingasse .....

Considero a redacção destas notas como o último acto da missão que me encarregou o Governo Provisório ....."

Que o observador pode ser qualquer prova-o o facto de muitas das passagens das Notas Histórico- Pedagógicas poderem ter sido escritas por alunos.

Omita-se o autor, saliente-se aqui e ali e não faltará quem diga que aquilo é obra de contestatário.

As Notas de Bensaúde transcendem a realidade Técnico e são sem tempo.

Há muitos anos emprestei a um amigo, mais idoso, culto mas que não conhecia o livro, o Conde de Abranhos ..... do Eça.

É espantoso como deixaram publicar ! Embora escrito pelo Eça de Queiroz! É espantoso como é fácil ter-lhe acesso.

Assim são essas notas de Bensaúde, plenas de sabedoria, de verdade, e em que se adivinham tempos difíceis de luta e sacrifício.

Detesto histórias que à guisa de conclusão rematem com a moral da dita história, respeito a Moral mas contento-me com os factos, acho até anti-pedagógico que se saliente a moral.

Leiam,leiam, as Notas Histórico-Pedagógicas de Bensaúde: alunos, professores. Todos aqueles que se preocupam com a Escola, com a Universidade, com o Ensino, Investigação.

E difundam, difundam por todos os outros que sem grande preocupação e menor ocupação também falam da mesma Universidade.

Em Bensaúde a vocação de professor era dominante, é um facto.

Mas a força que dispôs para realizar a sua obra essa foi encontrá-la Bensaúde na crença que tinha; na importância que reconhecia ao acto de ensinar, ao professor.

E também na crença que,em abstracto,tinha nos alunos:

"Há quem explique os fracos resultados obtidos em algumas das nossas escolas, como consequência da má qualidade dos alunos portugueses; é cómoda explicação.....".

"A experiência de muitos anos permite-me asseverar que o estudante português é, em média, tão bom como o dos diversos países mais cultos da Europa....."

Com honra, prazer e alguma utilidade passei pelo Instituto de Alta Cultura. Assim foi-me possível trazer até nós 9 estudantes japoneses que na Universidade de Sofia, em Tokio, seguiam a licenciatura em Filologia Portuguesa.

Foi agradável recebê-los. De facto foi inesquecível.

Falaram um bom português. Japonês para mim seria impossível. Havia o inglês. Mas em português, em português era o ideal.

Em vez de lhes falar de Portugal perguntei-lhes pelo Japão.

Julgo que é um país onde respeitam o professor ?

Entreolharam-se, uniram-se, falaram baixo e foi uma moça que me respondeu:

Sim, é verdade: nos campos, nos teares, no teatro, na escola, todo aquele que ensina o que sabe é respeitado, é o professor.

Ofereceram-me um livro The Southern Barbarians, the First Europeans in Japan.

Eramos nós. Lá chegámos nos meados do século XVI e ainda hoje nos agradecem a modernidade que então fomos capazes de lhes levar. Apropriaram-se do nosso modo de navegar, dos métodos de traçado das nossas cartas.

O caso japonês é bem conhecido.

Já antes. Mas sobretudo depois da Primeira Grande Guerra, a partir de 1919, o Japão investiu poderosamente no ensino e na investigação.

Visitou e enviou os seus filhos para centros de excelência do estrangeiro.

Foi visitado, fez-se visitado por numerosos cientistas.

Outra guerra, diversos alinhamentos políticos, até duas bombas atómicas lhes aconteceram.

Mas as Leis da Física são sempre as mesmas e hoje aí estão. Aí está o Japão e o que faz.

Ensinar é uma forma de dar. Se dar significa ficar com menos nem sempre se dá.

Alguém, desta casa, me perguntou se eu ensinava tudo quanto sabia.

Tudo quanto souber em consciência e utilidade ensino, ensino tudo.

Olhe que isso é perigoso !

Lembrei-me, ocorreu-me então dizer que um bom professor assemelha-se talvez a um poço, dá de beber, esvazia-se um pouco, esvazia-se completamente, mas enche-se naturalmente, enche-se de novo e atinge o nível habitual no momento oportuno.

Diferente é um depósito. Sem fontes próprias, que se enche custosamente e ainda mais custosamente se torna a encher.

Mas pode haver outros motivos para não dar. Infelizmente há muitos.

Simples hipótese: uma ideia que sendo nossa se cede a outros.

Imaginem Pasteur negociando, retardando a aplicação das suas investigações sobre a vacina.

Talvez por isso, Pasteur dizia que não havia ciências puras e aplicadas mas tão simplesmente aplicações da Ciência.

E, sendo assim, como essa Ciência tem que ser pura, livre ! Facultada a tudo e a todos a quem possa servir.

Segredos de conveniência, competição nos lucros auferíveis, haverá sempre. Em todas as épocas, em todos os quadrantes.

Mas cuidado !

Deverá haver locais onde a generosidade, a isenção, a independência sejam o quotidiano e o prevalente. Na Universidade em que me vejo deve ser assim.

E para tanto não se define e ainda menos se quer uma Torre de Marfim.

Na realidade a Universidade não pode alhear-se da sociedade onde se insere pela simples razão de, em princípio, a Universidade ser onde se sabe mais.

Erro será não recorrer e não ajudar a Universidade. Grave será se em qualquer medida perca a sua independência.

A Universidade ensina o que aprende através de uma actualização e investigação permanentes e continuadas.

Mas o facto primeiro, aquele que deontologicamente lhe cabe, é ensinar.

Ensinar àqueles que frequentam as licenciaturas e os seus cursos de pós-graduação.

Ensinar a quem lhe pedir conselho.

Colaborar na pesquisa de novas soluções. Sempre ensinar.

No nosso entender o acto primeiro é ensinar e antes desse, anónimo, difícil, desesperante por vezes, está a aprendizagem do que se vai ensinar, a investigação do facto novo com que se depara, o esclarecimento das contradições que se nos constroiem.

As leis de Newton são do domínio público, as equações de Maxwell não cobram direitos de autor.

O que torna legítimo o ensino destas matérias é tornar nosso o que foi descoberto e escrito por outros, é a assimilação séria e aprofundada do que se ensina.

Mas também cuidado !

Não confundamos essa ciência com a dispensa de se escreverem livros adequados.

É estranho, um pouco bizarro, que se usem como livros de um curso, livros contemporâneos escritos por outros, nossos pares.

Livro e professor devem constituir-se num todo harmonioso e em que cada parte é essencial.

Não se confunde isso com bibliografia recomendada que deve ser abundante e acessível.

E Bensaúde adverte:

Além do conhecimento do que ensinam os compêndios, o professor, para produzir bons discípulos, precisa de outras aptidões, mais raras.....

... Pasteur, que era um fraco orador, se tivesse nascido português, teria passado a vida, provavelmente, como figura secundária em algum dos nossos obscuros laboratórios. Num ambiente mais propício, conseguiu ser um grande sábio e um grande professor, embora a retórica não fosse o seu forte "Quando a sabedoria vai adiante a eloquência segue-a como fiel companheira (Santo Agostinho).

E sobre o aluno salienta:

"O nosso aluno normal possui uma rapidez de compreensão igual e, às vezes, talvez superior à dos rapazes que frequentam as escolas da Europa Central . É esta a maior das suas qualidades inatas; as que deveriam ser desenvolvidas pela educação faltam-lhe porém muitas vezes. O seu poder de assimilação é quase sempre muito inferior ao dos estudantes cuja educação foi cuidada desde a infância. Pode dizer-se até que entre os nossos estudantes, a faculdade de assimilação costuma ser inversamente proporcional à faculdade de compreensão; quanto mais facilmente compreendem, mais facilmente esquecem. É que compreender e fixar o que se compreende são causas diversas."

Sem Brito Camacho,Alfredo Bensaúde não teria fundado o Técnico, a Escola Nova em que o Instituto se converteu.

Sem Duarte Pacheco,o Técnico nunca se teria desenvolvido como se desenvolveu. Isto, além do modo como Duarte Pacheco serviu a Engenharia Portuguesa e uma vez mais o Técnico.

Sem condições mínimas,os espíritos fogem da carne frágil que os não agarra.

Que se cuide do professor e da sua dignificação.

Que se cuide do aluno e da sua dignificação.

Deles depende o que for mas outros por dever de cargo poderão e devem ajudar o que em muitos casos é de importância vital.

A Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico faz 75 anos.

Criado por Decreto em 23 de Maio de 1911, o Técnico iniciou as aulas em 13 de Novembro. Seguiu-se a Associação dos Estudantes, fundada logo a seguir,11 de Dez. exactamente como hoje.

Desde sempre a Associação e o Instituto seguiram caminhos paralelos ou de cruzamento próximo com um destino comum: a perenidade do I.S.T..

Pela Associação passaram alunos distintíssimos que ocuparam lugares na Direcção, na Técnica, nas muitas e diversas áreas em que a associação se diversificou e aplicou.

Passaram outros que não tendo sido alunos distintos foram, no entanto, hábeis gestores, impulsionadores e colaboradores da Associação.

Foi sempre característica da Associação dos Estudantes do I.S.T. o seu espírito fraterno de camaradagem, entre si e com outras associações académicas.

Foi sempre característica da Associação a sua inteira disponibilidade para com a Escola oferecendo-se em generosa colaboração.

De tal modo considero importante a acção das Associações de Estudantes que entendo por desnecessário defender a sua existência.

Além de tudo quanto realizou no campo pedagógico, cultural e desportivo. Além da realidade forte que é a TÉCNICA, além de tudo isso, a Associação foi e será sempre uma escola de dirigentes, não tenhamos dúvidas do facto, nem do que daí resultou e resultará.

Houve momentos difíceis, de diálogo impossível e a maior parte das vezes impossibilitado. Mas houve sempre retorno amigo à colaboração.

Política não é exactamente agitação nem outras coisas feias. Política, o Governo da Cidade, é uma coisa bela em que todos devem comparticipar para que não sejam governados como não querem.

É uma coisa bela quando praticada nos exactos preceitos seguidos por uma Universidade independente e pura.

As Associações foram e serão sempre origem natural de mentalidades robustas e críticas. De intervenção possível e desejável nos sistemas educativos.

Tenho a grande honra e acrescentado prazer de ser Director da Técnica.

Na Técnica se publicaram, muitas vezes, as novidades científicas que, então, ainda incipientes, ganhariam vulto e extraordinária dimensão e influência.

Essa consciência científica da Técnica deve-se aos professores do Instituto que nela colaboraram desde a primeira hora.

A Técnica é uma revista portuguesa, de estudantes, escrita por professores e não exactamente de modo total para os estudantes mais novos. É um bom investimento, no entanto, para o futuro e uso desses mesmos estudantes.

Numa tendência para certo derrotismo, numa vaidade sem ter de quê, nem sempre analisada até às raízes onde se alimenta, nem sempre se acorre à Técnica. É pena. É mau para o pensamento científico português. É mau exemplo que não ajuda a frutificar outras revistas similares.

No entanto, a Técnica viaja, pedem-nos separatas de além fronteiras.

Termino.

Associação é uma palavra bela, plena de intenções.

Estudante, ser estudante, é belo e sem idade.

Os jovens terão sempre por si o futuro que postulam e invadem e para o que, em boa verdade, não há experiência que invalide os sonhos com que, no presente, o constroiem.

A vida continua-se com a chegada dos que nascem.

Estudante na escola é episódico e efémero.

Que a Escola e a sua Associação consigam formar estudantes de sempre e associados de sempre.

Isso significa a perenidade da trilogia:

Instituto Superior Técnico

Associação dos Estudantes do I.S.T.

Associação dos Antigos Alunos do I.S.T.

Tão só isso !

11 de Dezembro de 1986

Manuel José de Abreu Faro